

# Uma necessária conversão para uma “Ecologia integral!”

*A Necessary Conversion for “Integral Ecology”*

Alain Thomasset

Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris, França

## Resumo

Este texto é proveniente da Conferência pronunciada em novembro de 2017, na UNICAP. Trata-se de uma reflexão aprofundada e um estudo detalhado, não somente dos elementos que dizem respeito a seu título, bem como sobre os argumentos teológicos que permeiam a Encíclica *Laudato Sí*, e como esses fazem relação com os predecessores de Francisco, de João XXIII a Bento XVI, ao mesmo tempo em que identificam a linha eclesiológica assumida pelo papa na condução da Igreja.

## Palavras-chave

Francisco.  
Laudato Sí.  
Conversão  
integral.  
Casa  
comum.  
Cuidado.

## Abstract

This text comes from the lecture announced by Prof. Dr. Alain Thomasset, sj on November/2017 placed at UNICAP. It is an in-depth reflection and a detailed study not only on the elements related to such title, but also on the theological arguments permeating the encyclical *Laudato Sí*, and the way they link themselves to the predecessors of Francis, John XXIII, Benedict XVI, as they identify themselves with the ecclesiological line assumed by the Pope for the guidance of the Church.

## Keywords

Francis.  
Laudato Sí.  
Integral  
Conversion.  
Common  
Home.  
Care.

## Introdução

A Encíclica do Papa Francisco *Laudato Sí*, publicada em maio de 2015<sup>1</sup>, chama-nos a “assumir o cuidado com nossa casa comum”<sup>2</sup>, porque a terra é doente e os pobres são os primeiros a sofrer! Nessa carta, o Papa Francisco convida “cada pessoa que habita sobre o planeta” (LS,3) a uma vida tomada

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Sí. Sobre salvaguardar a casa comum*. Libreria Editrice Vaticana, mai 2015.

<sup>2</sup> A tradução francesa « *salvagarde* » não dá inteiramente o sentido de « *cuidado* » que se trata de se exercer a respeito da nossa casa comum (em Inglês: *care*, Espanhol: *cuidado*, em Italiano: *cura*).



pela consciência da gravidade da situação e da necessidade de uma “conversão que nos una a todos” (LS,14) em vista de uma ação responsável. “O que acontece nesse momento nos coloca face a urgência de avançar em uma revolução cultural corajosa” (LS,114), por uma “ecologia integral” que preserve a criação, leve a um combate para a justiça em direção aos pobres e redescubra o caminho interior de paz e alegria.

Nossa “irmã e mãe terra” (LS,1), como chama Francisco de Assis, é bela. Ela nos convida a louvar o Criador, mas ela está ferida e geme “por causa dos desgastes que nós causamos a ela pela utilização irresponsável e pelo abuso dos bens que Deus depositou nela” (LG,2). Ninguém duvida que esse documento é de grande importância para todos aqueles cristãos ou não, que se mobilizam para “salvar o planeta”. Neste estudo, desejamos por um lado destacar a originalidade do documento pontifício, essencial para o pensamento ecológico contemporâneo e demonstrar suas articulações essenciais e, por outro lado, destacar suas argumentações teológicas<sup>3</sup>.

## Um documento magisterial novo em seu conteúdo e forma

### *Um texto que se insere dentro de um contexto de urgência*

Essa Encíclica se insere dentro de um contexto de urgência. A crise ecológica tomou uma amplitude inquietante. No momento em que se preparava a adoção de novos objetivos para o desenvolvimento durável e cinco meses antes da Reunião em Paris da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, a COP 21, realizada em dezembro de 2015, o surgimento deste texto quis contribuir para a necessária conversão dos espíritos a fim de encontrar soluções globais eficazes. Como a seu tempo João XXIII, no documento *Pacem in Terris*,<sup>4</sup> se dirigiu a todos “os homens de boa vontade” para fazer frente a ameaça da guerra nuclear e oferecer um caminho de paz (LS,3), Francisco afronta, hoje, a crise ambiental propondo um diálogo com todos, agregando a

---

<sup>3</sup> Esse texto retoma parcialmente e desenvolve (na primeira e segunda parte) a introdução geral escrita por Alain Thomasset et Grégoire Catta, para a Edição *Laudato Si'* apresentada e comentada pela equipe do CERAS, Éditions jésuites, Namur, Paris, 2015, p. 11-22.

<sup>4</sup> JEAN XXIII, *Pacem in Terris*, Carta Encíclica, 1963.

ele as fontes da tradição cristã. Frente à lentidão das negociações e à dificuldade de os Estados renunciarem a seus interesses imediatos, a espera de uma palavra da Igreja era forte por parte das instituições internacionais e das organizações que se abrem a um desenvolvimento durável.

As reações foram entusiastas por parte de muitas pessoas normalmente pouco inclinadas a cantar louvores à Igreja. A imprensa saudou fortemente esse texto do Papa. Muitos agentes, de instituições como o Banco Mundial ou personalidades como o atual ministro da Ecologia Nicolas Hulot<sup>5</sup> ou o antigo ministro Pascal Canfin, já haviam indicado o quanto as tradições espirituais poderiam representar um papel importante dentro do debate mundial sobre a transição ecológica.

*Laudato Si* é o primeiro documento pontifício de importância consagrado a esse tema. Se numerosos cristãos, em particular os jovens, mobilizaram-se esses últimos anos sobre as questões ecológicas, é verdade que poucas reflexões centradas sobre esse assunto tinham sido publicadas pelas autoridades da Igreja Católica. Nesse domínio, as Igrejas Protestantes e Ortodoxas fizeram a obra precursora. Já em 1989, em Bali, o movimento ecumênico tinha vivido uma verdadeira virada ambientalista, anexando ao binômio clássico “justiça” e “paz”, o campo novo do respeito da “intergralidade” do planeta<sup>6</sup>. Em 2002, o Patriarca Ortodoxo Bartolomeu I, conjuntamente com o Papa João Paulo II, lançava “o apelo de Veneza” para uma conversão dos modos de vida e uma ética ecológica<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> « É um texto fundamental e de incrível reconforto (...) Essa Encíclica é para mim um instrumento precioso para sustentar as mobilizações internacionais em curso. O pão bento, ousou eu dizer », Nicolas Hulot, quando esteve ainda como enviado especial do governo para a proteção do Planeta, ver o Dossiê « Laudato si' » no site [www.pelerin.com](http://www.pelerin.com). Também Edgar Morin destaca que: « A Encíclica Laudato Si' é talvez o ato de um chamado a novas civilizações », em: *La Croix*, du 21 juin 2015.

<sup>6</sup> Ver reunião ecumênica europeia de Bali em *Paix et justice pour la création entière*, Cerf, Paris, 1989. Desde 1989, o 1<sup>er</sup> de setembro que é o início do ano litúrgico para a Igreja Ortodoxa, se tornou um dia de oração para a Criação, em virtude de uma Encíclica do Patriarca Dimitrios.

<sup>7</sup> DECLARAÇÃO COMUM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II E DO PATRIARCA ECUMÊNICO DA SANTA SÉ BARTOLOMEU I, em 10 de junho de 2002. Disponível em: juin 2002: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/speeches/2002/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20020610\\_venice-declaration.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/speeches/2002/june/documents/hf_jp-ii_spe_20020610_venice-declaration.html)

Na Igreja Católica, são sobretudo os discursos de Paulo VI na FAO em 1970<sup>8</sup>, as duas mensagens para as Jornadas Mundiais da Paz (de João Paulo II em 1990 e Bento XVI em 2010)<sup>9</sup>, bem como a tomada de posição de diversas conferências episcopais (entre elas a da França em 2010)<sup>10</sup>, que serviram de referência. Com esta Encíclica, o Papa Francisco não somente vem suprir a falta de um texto aprofundado e de autoridade universal, mas ele dá um impulso maior para a reflexão cristã sobre o meio ambiente e a crise social que está ligada a ele.

### *Uma herança e uma novidade*

Contudo, esse documento sobre o qual o Papa declara que ele “se soma ao Magistério social da Igreja” (LS,15), inscreve-se numa tradição. É assim que ele retoma longamente a contribuição de seus predecessores e se propõe a completar a reflexão do ensinamento social da Igreja aplicando seus grandes princípios (destinação universal dos bens, busca do bem comum, justiça social, solidariedade, subsidiariedade...) na busca de ecologia integral. Mas - e é uma atenção nova já manifestada na Exortação *Evangelii Gaudium* - ele cita também numerosas conferências de diversos continentes, mostrando, assim, seu desejo de recolher a experiência dos cristãos, em particular, daqueles de países pobres, os mais atingidos pela crise que se avança. É necessário igualmente destacar a importância dada às contribuições da ciência na análise da situação (sobretudo no Capítulo I), assim como a homenagem dada ao Patriarca ortodoxo Bartolomeu (LS,8-9), bem como a citação de sábio musulmano sufi (LS,233). Em um estilo pessoal, simples, envolvido por numerosas referências à vida ordinária, Francisco coloca em ação a arte da conversa e do diálogo com todos aqueles que desejam se desenvolver dentro da sociedade e dentro da Igreja a respeito desse assunto e dessas questões.

---

<sup>8</sup> PAULO VI, « Discurso a ocasião do 25º aniversário da FAO », In: AAS 62 (1970), p.830-838.

<sup>9</sup> JOÃO PAULO II, «A paz com Deus criador, a paz com toda a criação», Mensagem para jornada mundial da paz em 1990; BENTO XVI « Se tu queres construir a paz » Mensagem para a Jornada Mundial da paz 2010.

<sup>10</sup> CONFERÊNCIA DOS BISPOS DE FRANÇA, *Enjeux et défis écologiques pour l'avenir*, Bayard, Cerf, Mame, 2012.

Mas esse tom particular é muito mais que uma mudança de estilo literário. A exemplo do que fez na *Evangelii Gaudium* (2013) e que desenvolverá, em seguida, na *Amoris Laetitia* (2016), o Papa, pelo seu estilo de escritura, opera uma mudança na maneira de fazer o ensinamento social da Igreja.

Insistindo sobre a necessidade de abordar a vida real e a experiência concreta dos crentes e dos humanos, fazendo um chamado não somente às suas inteligências, mas também às suas afetividades e a seus sentidos, ele suscita verdadeiras decisões pessoais e coletivas. Como disse Christoph Theobald: “Graças ao estilo dos textos, tão próximo de sua maneira de dirigir-se oralmente a seus interlocutores, ele nos leva a fazer um verdadeiro percurso “espiritual”, um percurso de conversão”<sup>11</sup>. A forma do texto está a serviço de sua intenção de nos colocar em movimento, de seu problema de iniciar “processos” ao invés de propor uma síntese concluída (LS, 121).

Documento consequente, mas que permanece fácil de ler, a Encíclica compreende seis capítulos nos quais se alternam sucessivamente a análise social do mundo e as referências à riqueza da tradição cristã. Uma outra maneira de exprimir esse diálogo entre a Igreja e o mundo que o Concílio Vaticano II havia colocado antes na *Gaudium et Spes*. Ali, encontramos também o método do documento conciliar: ver, julgar e agir.

O primeiro capítulo estuda diversos elementos da crise ecológica levando em conta “os melhores resultados da pesquisa científica” (LS,15). Essa é a primeira vez que os temas da mudança climática e da biodiversidade são abordados pelo Magistério Romano. Em seguida, vem uma meditação sobre “o Evangelho da criação” (Cap. II), verdadeiro percurso bíblico que indica as luzes da fé sobre o modo de ver o mundo como dom do Criador e de habitar em harmonia com todas as criaturas. O Cap. III, volta-se para a análise das causas profundas da crise ecológica, denunciando especialmente a tirania do “paradigma tecnocrático”, mas também as raízes presentes nas doenças do

---

<sup>11</sup> THEOBALD, C., « L’enseignement social de l’Église selon le pape François », In : Bertrand Hériard Dubreuil (ed.), *La pensée sociale du pape François*, Ceras, Lessius, 2016, p. 12.

coração humano: o egoísmo, a indiferença ou o “relativismo prático”, reflexo do “antropocentrismo desviado”. O Cap. IV, verdadeiro pivô da reflexão, expõe a concepção do Papa Francisco de uma “ecologia integral” que leva em consideração múltiplas dimensões: ambiental, mas também econômica, social, cultural e espiritual. As diferentes relações entre as criaturas e seus ambientes, mas também a questão da pobreza, das desigualdades e dos modos de vida são postos em evidência. À luz dessa visão original e global, o Cap. V expõe algumas linhas de orientação e de ação. Elas se fundam sobre um “diálogo” renovado tanto em nível das políticas nacionais e internacionais, quanto das ações locais que diz respeito a todos nós. O Cap VI se volta, por último, para as motivações e a educação necessárias para mover nossa conversão interior em vista de novos modos de vida. A “espiritualidade ecológica”, indispensável para a ação, pode receber muito da contribuição dos tesouros da tradição cristã.

Cada capítulo possui sua própria temática e seu método, mas - o papa destaca - retoma a partir de uma nova ótica questões e “temas que atravessam toda a Encíclica”. É o caso especialmente de: “a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo está ligado no mundo; a crítica do novo paradigma e formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a buscar outras formas de compreender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarté e a proposição de um novo estilo de vida “ (LS,16). Tantas são as chaves de leitura que nos são dadas para nos apropriarmos deste documento. Retomamos agora alguns desses temas.

## Alguns temas centrais

### *Tudo está conectado: uma aproximação integral*

“Tudo está conectado”: a expressão volta constantemente sob a pena de Francisco. Ela revela a profunda unidade de um texto que poderia, à primeira vista, parecer discrepante. A questão ecológica é central, mas ela nunca é separada de outras questões essenciais que o Papa deseja abordar: a

justiça para com os pobres, os modos de vida e de consumo, as razões de viver nesse mundo. De fato, nosso modo de habitar o mundo toca a nossa relação com a natureza e as outras criaturas, mas também aos nossos irmãos humanos, a nós mesmos e, finalmente, a Deus (LS, 10-237). A expressão original, presente no título: a “casa comum” indica bem essa ligação íntima que Papa destaca entre ecologia, justiça social, ética e espiritualidade. A ecologia já é em si mesma uma ciência de relações multiformes entre as espécies e seus ambientes, mas nós somos convidados a ampliar ainda nosso olhar. A terra é uma casa, e se trata de respeitar e habitar juntos.

A propósito do vínculo entre ecologia e justiça social, o papa insiste com fórmulas marcantes como: *“uma verdadeira abordagem ecológica se transforma sempre em uma abordagem social [...] para escutar tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres* (LS, 49). Porque os pobres são constantemente as primeiras vítimas das mudanças climáticas e do empobrecimento dos ecossistemas. Eles são aqueles que não podem esperar (LS, 162). Ao mesmo tempo, “a cultura do descarte afeta tanto as pessoas excluídas quanto as coisas, rapidamente transformadas em lixo” (LS,22) e a maneira de tratar as outras criaturas é, às vezes, sintomática de nossa relação para com os seres humanos (LS, 92). Assim: “Não há duas crises separadas, uma ambiental e a outra social, mas uma só e complexa crise sócio-ambiental. As possibilidades de solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, para dar dignidade aos excluídos e, simultaneamente, para preservar a natureza” (LS, 139). A Bíblia não nos ensina que “quando a justiça não habita a terra (...) toda a vida está em perigo?” (LS,70).

A crise ecológica é também uma crise humana e moral: “a degradação do ambiente como a degradação humana e ética estão intimamente ligadas” (LS, 56). Como queremos viver e segundo quais valores? Qual solidariedade com os pobres e com as gerações futuras? O sistema econômico e social do mundo atual “é insustentável de diversos pontos de vista, porque deixamos de pensar sobre os fins das ações humanas” (LS,61). Do mesmo modo, a questão ecológica é, no fundo, uma questão espiritual: “porque passamos neste mundo, porque viemos a essa vida, para que trabalhamos e lutamos, por que essa terra

necessita de nós? (...). É um drama para nós mesmos, porque isso coloca em crise o sentido de nossa própria passagem sobre essa terra” (LS, 160). A figura do *poverello* Francisco de Assis que o Papa valoriza aqui (LS, 10-12) e do qual tomou seu nome, ilustra a preocupação de não separar amor à natureza, amor aos pobres e paz interior no louvor ao Criador de todas as coisas.

Tal é o sentido da expressão “ecologia integral”, o tema do capítulo central da Encíclica<sup>12</sup>. Ela faz eco àquela do “desenvolvimento integral” colocada antes por Paulo VI na *Populorum Progressio*<sup>13</sup>. Trata-se de salvar o planeta ameaçado por numerosos males, é necessário igualmente reduzir as desigualdades (LS,138-142), salvaguardar as riquezas culturais (LS,143-146), promover uma ecologia da vida cotidiana e do quadro da vida (LS,147-155). Esses diferentes objetivos, longe de se oporem, completam-se e apoiam-se mutuamente. Uma vez que tudo está conectado, é necessário integrar tudo. É dentro desse quadro que acontece uma “ecologia humana” que convida o homem a acolher e cuidar de seu próprio corpo como um dom recebido de Deus, assim como o conjunto da Criação (LS,155). Um convite também a aceitar alegremente o dom específico do outro, homem ou mulher, em sua alteridade e cuidar do bem comum (LS, 156-158). Se tudo está conectado é porque, definitivamente, tudo é dado.

#### *As causas humanas do mal presente*

O Papa faz uma análise particularmente lúcida da situação atual. Dentro do primeiro capítulo que explora “o que se passa na nossa casa”, com o aquecimento climático, ele lembra claramente que “a maior parte do aquecimento global das últimas décadas se deve à grande concentração de gás do efeito estufa (...) emitidos, sobretudo, por causa da atividade humana” (LS,23). Uma tomada de posição importante, a primeira do papado sobre esse

---

<sup>12</sup> O termo « ecologia integral » está nos números 10, 11, 62, 124, 137, 159, 225, 230 e todo o Cap. IV (137-162) que leva este título.

<sup>13</sup> PAUL VI, *Populorum progressio*, 1968, n° 42 : « É um humanismo pleno que é necessário promover. É que quer dizer senão o desenvolvimento integral de todo homem e todos os homens? »



tema, quando numerosos céticos-climáticos continuam a negar essa realidade, os Estados Unidos em particular. Ele convida então a mudar nosso modo de vida, sabendo que essa tarefa não será fácil, porque as raízes da resistência são profundas.

Entre os eixos que atravessam toda sua Encíclica, o papa menciona “a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia” e “o convite a buscar outras formas de compreender a economia e o progresso”. De fato, Francisco desenvolve uma crítica original do que ele denomina “paradigma tecnocrático dominante” que tende a fazer da “metodologia e dos objetivos da tecnociência um paradigma de compreensão que condiciona a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade” (LS,107). Não se trata para ele de negar as contribuições preciosas da tecnologia, não se trata de “retornar à idade das cavernas” (LS,114), nem mesmo de lhes ignorar a beleza: “podemos negar a beleza de um avião, ou de certos arranha-céus?” (LS, 103), chega ele a dizer!

O problema é que esse modo de pensar se tornou “homogêneo e unidimensional” (LS,106) e que ele convida a apreender todas as coisas, incluindo o ser humano, sob a forma da utilidade, da eficácia e da manipulação dominadora. O teólogo alemão Romano Guardini (1885-1968), que inspirou Bento XVI, e sua obra com olhares proféticos *La fin des temps modernes*<sup>14</sup> serve aqui de guia nessa denúncia.

Outras análises mais contemporâneas da técnica poderiam ter sido evocadas, mas a intuição central é tão vigorosa que mostra o vínculo entre uma idolatria da tecnociência e do mercado, uma “financiamento” excessiva da economia e uma cultura do consumo sem limites (LS, 104ss). Aqui também o propósito é vivo: “Tudo o que é frágil, como o ambiente, resta sem defesa em relação aos interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta” (LG,56) ou ainda “A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do proveito, sem prestar atenção a eventuais

---

<sup>14</sup> GUARDINI, R. *Das Ende der Neuzeit*, Hess Verlag, Basel, 1950, (Édition française *La fin des temps modernes*, Seuil, Paris, 1952).

consequências negativas para o ser humano. As finanças sufocam a economia real. As lições da crise financeira mundial não foram retidas” (LG, 109). O Papa é severo com os dirigentes e os poderosos deste mundo que fazem passar seus interesses antes da busca do bem comum e destaca o “drama do imediatismo político” (LG,178) que resiste a pensar além do curto-prazo.

O diagnóstico, no entanto, não se detém nas grandes causas estruturais da crise, mas ele descobre suas raízes nas doenças do coração do homem. “A violência que existe no coração humano ferido pelo pecado se manifesta também através dos sintomas de doença que observamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (LS,2). Aqui, ainda, tudo está conectado. Francisco destaca as tendências egoístas, os comportamentos individualistas ou consumistas que “distraem” as pessoas, “fragilizam-nas” e “cegam-nas” face aos problemas do momento (LG,56-59). “Quando as pessoas se tornam autoreferenciais e se isolam em suas próprias consciências, elas asseveram sua voracidade. De fato, quanto mais o coração da pessoa é vazio, mais ela tem necessidade de comprar, possuir e consumir” (LS, 204). Ao contrário, quando as pessoas se abrem generosamente aos outros, à contemplação da beleza do mundo, ao louvor do Criador, elas podem engajar-se com alegria por uma terra melhor para todos.

Notemos, enfim, que é levada em conta a acusação recorrente a respeito do pensamento judeu-cristão: aquela de ser a origem da mentalidade dominadora frente à natureza<sup>15</sup>. O convite de Gn 1,26 a “dominar” a terra pode ter sido compreendido como favorecendo uma exploração sem freio, mas “não é, diz o Papa Francisco, uma interpretação correta da Bíblia, como a compreende a Igreja”. Os textos lidos dentro de seu contexto e com uma hermenêutica adequada nos convidam a “cultivar e guardar o jardim do mundo (Gn,2,15)”. (LS, 67).

O lugar particular do homem no universo, segundo o desejo de Deus, pede para ser bem compreendido e não deve dar lugar nem a um

---

<sup>15</sup> Conhecemos a crítica iniciada pelo artigo de Lynn White e a frequente retomada dos ecologistas, « raízes históricas da ecologia » ou o autor veria no relato do Gênesis a fonte de uma visão da natureza posta a serviço do homem. Ver: BOUR, D. G et ROCH, Ph. *Crise écologique, crise des valeurs*, Labor et Fides, Genève, 2010.

“antropocentrismo despótico” (LS,68) nem a um “bio-centrismo” que seria um novo desequilíbrio (LS,118), mas antes de uma “reciprocidade responsável entre o humano e a natureza”, no reconhecimento do “valor próprio” de cada ser vivente (LS,69). O Papa retoma assim a maneira de interpretar o homem “senhor do universo” como sendo seu “administrador responsável<sup>16</sup>” (LS,116).

### *As fontes e as linhas de ação para fazer face à crise*

Os comentários precedentes poderiam levar a crer que o tom da Encíclica é muito pessimista, senão dramático. Certamente o documento não minimiza jamais os perigos aos quais somos afrontados e coloca sobre a situação um olhar lúcido (trata-se de “graves danos” ou de “graves injustiças”) e um julgamento severo (ele denuncia a não ação, as meias-medidas ou a “alegre irresponsabilidade” de muitos). No entanto, o Papa não perde a esperança na capacidade humana de se refazer e ele quer abrir uma bela esperança para o engajamento na ação que se impõem a todos. O tom do texto é mesmo, por momentos, singularmente alegre, convida ao maravilhamento, à surpresa, ao dinamismo. Para fazer frente à situação, a Encíclica retoma em ordem regressiva as causas do mal e oferece diferentes “linhas de orientação e de ação” (Cap. V) indicando um caminho de “educação e de espiritualidade ecológicas” (Cap. VI).

Em primeiro lugar, o Papa Francisco repete que não há fatalidade e que os homens podem, se quiserem, engajar-se na “conversão ecológica” da qual desenha os contornos. Essa passará pelo “diálogo” em todos os níveis<sup>17</sup>. Primeiramente ao nível internacional onde já existem experiências positivas

---

<sup>16</sup> A noção de administrador responsável vem do Inglês *steward et stewardship* (administration). Ela foi retomada por um número de teólogos, inicialmente norte americanos para descrever a relação de humanidade com o resto da criação. Ela não é, contudo, sem ambiguidades, já que para alguns ela guarda um forte acento antropocêntrico. Ver: BERRY, R. J. (ed.), *Environmental Stewardship. Critical Perspectives - Past and Present*, New York: T&T Clark, 2006.

<sup>17</sup> A palavra diálogo está em vários números 3, 14, 47, 60, 62-64, 121, 143, e no Cap. 5 (163-201) que se coloca sobre “as vias do diálogo”. Em *Evangelii Gaudium*, o Papa já destaca esse lugar do diálogo na construção da Paz (EG 238 e 258). Atrás dessa instância há toda uma Eclesiologia que é em questão onde “Igreja que se faz diálogo”. Ver: PAUL VI, *Eclesiam Suam*, n° 67).

(como a Convenção de Viena para a proteção da camada de ozônio)<sup>18</sup> e onde um consenso e acordos são necessários para programar uma agricultura durável, formas de energia renováveis, uma gestão adequada dos recursos naturais, como as florestas ou a água (LS,164-175). Diálogo igualmente no plano nacional e local, onde se trata de recolher a experiência das populações locais capazes de exercer uma pressão salutar sobre as políticas frequentemente incapazes de assumir suas responsabilidades (LS,176-181). Diálogo ainda, nos processos de decisão que devem ser transparentes e abertos a todas as partes interessadas e onde novos habitantes devem ter um lugar privilegiado (LS, 182-188). Diálogo enfim, entre a política e a economia chamados a se colocarem a serviço da vida e não dos interesses financeiros e, onde novas formas de crescimento, e mesmo me certas partes do mundo um declínio, devem ser imaginadas (LS, 189-198). “Convido, diz o Papa, a um debate honesto e transparente para que as necessidades particulares ou as ideologias não afetem o bem comum” (LS,188)<sup>19</sup>.

Nesses debates, as responsabilidades são “comuns, mas diferenciadas”. Em particular, os países desenvolvidos que lançaram uma enorme quantidade de gás de efeito estufa (LS,170) tem uma “dívida ecológica” (LS,51) em relação aos países pobres que, por sua parte, tem por prioridade “a erradicação da miséria e o desenvolvimento social de seus habitantes” (LS,172), desenvolvendo formas menos poluentes de produção.

Uma solidariedade é ainda mais necessária. Da mesma forma que as sociedades tecnologicamente avançadas devem estar “dispostas a favorecer comportamentos mais sóbrios, reduzindo suas próprias necessidades de energia e melhorando as condições de sua utilização” (LS, 193 retomando Bento XVI).

Falar de conversão ecológica supõe desenvolver “novas convicções, atitudes e formas de vida”. Contra os reflexos consumistas, trata-se de mudar de comportamento, desenvolvendo a responsabilidade social dos consumidores: “comprar é também um ato moral” (LS,206). São ainda “pequenas ações

---

<sup>18</sup> Sobre a égide do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUMD), a Convenção de Viena para a proteção da camada de ozônio, adotou em Março de 1985. Em 28 de outubro de 2017, 197 partes tinham aprovado ou ratificado a Convenção de Viena.

<sup>19</sup> Essa instância sobre o diálogo sincero será colocada em obra pelo Papa no seio das duas Assembleias Sinodais sobre a Família de 2014 e 2015.

cotidianas” que fazem “um estilo de vida”: “reduzir o consumo de água, fazer a triagem do lixo, cozinhar somente o que se pode razoavelmente comer, tratar com atenção os outros seres vivos, utilizar os transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo entre várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes inúteis” (LS,211).

Para suscitar essa “cidadania ecológica”, as leis nunca serão suficientes. Uma educação e uma espiritualidade serão as alavancas. “É somente cultivando sólidas virtudes que o dom de si num engajamento ecológico é possível. Se uma pessoa tem o hábito de se cobrir um pouco em vez de acender a calefação quando sua situação lhe permitiria consumir e gastar mais, isso supõe que ela integrou convicções e sentimentos favoráveis ao ambiente” (LS,211). O Papa convida a cultivar uma “sobriedade alegre”, a “prestar atenção a beleza”, que nos ajuda a “sair do pragmatismo utilitário” (LS,215).

E aqui a espiritualidade cristã pode mostrar toda sua riqueza, suscitando uma “mística que nos anima” (LS,216). As últimas páginas da Encíclica estão também, sem dúvida, entre as mais belas, que descrevem as atitudes interiores daqueles que à imagem de Francisco de Assis, Charles de Foucault ou Teresa de Lisieux seguiram Jesus no seu olhar de amor para o mundo e para os homens.

O Evangelho e a vida cristã fornecem as fontes para viver a conversão necessária: entrar em uma atitude de gratidão e gratuidade frente ao mundo recebido do amor do Pai; viver na “consciência amorosa” que Deus une todos os seres e que estamos conectados a todas as formas de vida (LS,220); crer que cada criatura reflete alguma coisa de Deus (LS,221) e que o Cristo ressuscitado habita em sua presença toda a criação; criada nele e chamada nele à sua realização (LS,83-99). Por seu exemplo, Jesus nos ensina esta presença amorosa aos outros em particular aos mais frágeis, e à natureza, fazendo-nos caminhar para uma fraternidade verdadeiramente universal. Mas, como destacara Bento XVI em *Caritas in veritate*, o amor dos pequenos gestos cotidianos é também “um amor civil e político” que se traduz no plano social pelas transformações

estruturais<sup>20</sup>.

A espiritualidade cristã que convida a procurar e encontrar Deus em todas as coisas (LS,233-234) nos ajuda a melhor compreender a conexão íntima entre Deus e todos os seres. E a Eucaristia, como critério de todos os sacramentos, torna manifesta pelos sinais do pão e do vinho nossa relação íntima com Aquele que se faz comida para nós, tornando-nos capazes, por nossa vez, de viver a união entre nós e nos tornarmos “guardiões de toda a criação” (LS,236-237). Mesmo o mistério da Trindade, tecido de “relações subsistentes”, ajuda-nos a admirar as inúmeras relações das quais somos constituídos e convida-nos a uma “solidariedade global” (LS,240).

## Os argumentos teológicos

Para convencer os cristãos dos fundamentos da conversão ecológica, o Papa esboça vários argumentos teológicos. Nós já apresentamos brevemente, mas convém de retomar alguns dentre eles.

### *Uma teologia dialogal*

Em primeiro lugar, assinalamos que, para Francisco, a teologia não pretende substituir a ciência. Os dados da pesquisa científica são levados a sério e muitos observadores, aliás, ressaltaram o quanto o texto reflete uma informação sólida, em particular sobre os temas da poluição e do clima (LS, 20-26), sobre os problemas da água (LS, 27-31) ou sobre a biodiversidade (LS, 32-42). São os dados científicos que nos ajudam a tomar consciência da gravidade de situação e que servem para “dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual que segue” (LS,15). Ali, ainda, a reflexão parte do concreto e do real, mas ela não para por aí, e, como vimos, o discernimento que, em primeiro

---

<sup>20</sup> Ver BENTO XVI *Caritas in veritate* (2009), n°2: «O amor é o princípio não somente de micro-relações: relações amiais, familiares, pequenos grupos, mas é igualmente das macro-relações: relações sociais, econômicos e políticos». No nr. n°7: «Trabalhar em vista do bem comum significa de uma parte tomar o cuidado, e de outra servir o conjunto das instituições que estruturam juridicamente, civilmente e culturalmente a vida social que toma assim forma de *pólis*, de cidade».

lugar, leva em conta a contribuição da pesquisa (Cap I), se segue numa análise ética e teológica.

A argumentação teológica é importante à medida que ela fornece motivações culturais poderosas para a transformação necessária das mentalidades e das estruturas. “Se esta Encíclica se abre ao diálogo com todos para buscar juntos caminhos de libertação, eu desejo mostrar desde o início como as convicções da fé oferecem aos cristãos, e também a outros crentes, fortes motivações para a proteção da natureza, dos irmãos e irmãs os mais frágeis” (LS, 64). Além disso, essa argumentação teológica é sempre situada em diálogo com as outras disciplinas <sup>21</sup>. A disposição dos capítulos nos quais alternam análises sociais e contribuições da tradição cristã manifesta essa vontade de discussão, bem como a retomada dos quatro princípios que “constroem um autêntico caminho para a paz” (EG, 221) atestam uma preocupação com a “admissibilidade” desse ensinamento e seu desejo de conduzir um “processo” dialogal<sup>22</sup>.

Os argumentos teológicos são de três naturezas, eles seguem uma lógica trinitária: a terra é um dom de Deus dado a todos, o Evangelho nos convida a um novo estilo de vida, o Espírito de Deus habita este mundo e abre novos caminhos. Esses são todos engajamentos ecológicos que devem nascer dessas convicções (LS, 64)<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> PAPA FRANCISCO, LS, 62 « A ciência e a religião que propõem aproximações distintas da realidade, podem entrar em diálogo intenso e fecundo para todos os dois ». O tema do diálogo entre religiões e ciências volta no Cap V, e é desenvolvido nos números 199 à 201. Em LS, 63: « O pensamento católico está aberto ao diálogo com o pensamento filosófico » (63).

<sup>22</sup> Os quatro princípios enunciados em Evangelii *Gaudium* que são princípios de orientação para «o desenvolvimento da coabitação social e a construção de um povo onde os diferentes se harmonizem dentro de um projeto comum» (EG 221) são retomados em LS. « O tempo é superior ao espaço » (178), «a unidade é superior ao conflito » (198), « e tudo é superior a parte» (141), « a realidade é superior a ideia » (110, 201).

<sup>23</sup> Para uma outra representação das linhas de argumentação teológicas e uma retomada crítica dos argumentos ver: GURIDI, R. sj, "Laudato Si: el deber cristiano hacia nuestra casa común", In: *Mensaje* n° 641, 2015, p.18-23.

### *A Terra, dom de Deus Criador*

A primeira dimensão, muito desenvolvida no Cap. II intitulado “o Evangelho da criação”, é que a terra é um dom de Deus do qual ele é o Criador. A capacidade do ser humano de transformar a realidade “deve se fazer sobre a base do dom das coisas feitas por Deus na origem” (LS,5). “A terra nos precede e nos foi dada” (LS,67), só Deus é o proprietário e Ele no-la confia para “guardar”, isto é, “proteger, salvaguardar, preservar, cuidar e monitorar” (LS,67). Se cada ser humano foi criado por amor, à imagem de Deus, isso lhe confere também a responsabilidade de cuidar das relações fundamentais intimamente ligadas entre elas sobre as quais o Papa volta várias vezes: a relação com Deus, com o próximo, com a terra (LS,66), assim como a relação consigo mesmo (LS,70).

A destruição dessas relações se chama o pecado que atinge o planeta e os pobres. Isso convida então os seres humanos a respeitar a criação com suas “leis internas” e a considerar que todo ser vivente “tem um valor próprio” (LS,69). O dom da Lei divina é também um meio de assegurar o equilíbrio entre os seres humanos e com a terra onde eles vivem e trabalham como o indica a legislação do Shabbat, do ano sabático ou do Jubileu (LS,71). A teologia da criação implica, desde o início, uma dimensão social. A transgressão dos limites afeta toda a criação<sup>24</sup>. Esse chamado de Deus criador é acompanhado de um chamado à contemplação da criação na qual cada criatura é revelação e manifestação do divino (LS,85), um reflexo de sua presença (LS,88).

### *O chamado a um estilo de vida Evangélica*

A segunda insistência teológica vem sobre o chamado a um “novo estilo de vida” (LS,16) inspirado no Evangelho e na vida de Jesus, em contradição com o “estilo consumista” (LS,204) com seu modo de “produção e de consumação” (LS, 23-59) ligado ao paradigma hegemônico e unidimensional da tecnociência

---

<sup>24</sup> Notemos que o termo « limite » é estruturante do texto da Encíclica, como do sentido de finitude e da rejeição de todo poder do homem (75) criticando o mito moderno do «progresso material sem limites» (122), mas também no sentido de recusar o individualismo de um indivíduo debilitado, isolado ou excluído, isto é, sem relações.



(LS, 106-108). A especificidade cristã desse estilo de vida alternativa (ao qual todos, crentes ou não são chamados - LS, 208), foi desenvolvida na *Evangelii Gaudium* quando o papa lembra que a proposição do Evangelho “é a proposição do Reino de Deus (Lc,4,43); se trata de amar Deus que reina no mundo. À medida que ele consegue reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG,180). O seio dos “estilos de vida” que formam o núcleo de nossas culturas, que define como “a maneira própria na qual os membros de uma sociedade tecem relações entre eles, com as outras criaturas e com Deus” (EG,115)<sup>25</sup>, o Evangelho chama a viver sob “o princípio do primado da Graça” (EG,112), uma maneira de viver na qual a forma última se encontra no itinerário de Jesus, e do qual o “dom sobre a cruz” constitui “o cume” (EG,269). Esse estilo evangélico, que responde ao dom de Deus pelo dom de si, é um chamado a “cuidar da fragilidade do povo e do mundo no qual vivemos” (EG,216).

É isso que a *Laudato Sí* desenvolve na dupla escuta do grito dos pobres e do grito da terra (LS,49)<sup>26</sup>. Do mesmo modo que fará com *Amoris Laetitia* (Cap. III), o Papa Francisco nos convida a adotar o “o olhar de Jesus” para nos lembrar que somos todos filhos de um mesmo Pai, para estarmos atentos à dignidade dos seres, à beleza do mundo e a viver em harmonia com a criação (LS, 95-98).

### *O Espírito que anima e dá esperança*

A terceira dimensão teológica desenvolvida pelo Papa nasce das duas primeiras. Ela centra-se sobre a presença do Espírito no mundo. É mais o Cap. VI sobre a espiritualidade ecológica que desenvolve esse aspecto. Si a análise da situação leva ao aumento de um sentimento de insegurança que “por sua

<sup>25</sup> Retomamos aqui três ou quatro relações essenciais fundamentais do ser humano desenvolvidas na *Laudato Sí*.

<sup>26</sup> Como destaca Christoph Theobald, (*op. cit*, p. 17.): é a Escritura que permite fazer vínculo entre o Evangelho e Reino de Deus (EG) e o Evangelho da Criação (LS). « O primeiro não pode existir dentro do segundo que le precede discretamente, porque Deus reina dentro do mundo, sobre uma terra que ele mesmo já criou, esperando que a acolhida efetiva por parte dos homens transforme a vida social em espaço de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos (EG, 180)”.

vez alimenta formas de egoísmo coletivo” e ao perigo para as pessoas de se tornarem “autoreferenciais”, de “se isolarem em sua própria consciência” e de “aumentar sua voracidade” (LS, 204), o Papa deseja que os seres humanos possam “optar de novo pelo bem e se regenerarem” (LS, 205). Porque nada pode anular completamente “a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reação que Deus continuar a encorajar no mais profundo dos corações humanos” (LS, 205) e que constituem sua dignidade. Nessa exigência de saída em direção ao outro (LS, 208), uma dimensão educativa e mística é envolvida.

Portanto, a conversão ecológica pode apoiar-se sobre a convicção que “ressuscitado, o Cristo habita no fundo de cada ser, cercado-o com sua afeição e penetrando-o com sua luz” (LS, 221) e que “em toda criatura habita seu Espírito vivificante que nos chama a uma relação com ele” (LS, 88). Esse Espírito é fonte de esperança e de criatividade porque ele “encheu o universo de potencialidades que permitem que, do seio mesmo das coisas, alguma coisa nova pode surgir” (LS, 80). Ele é fonte de amor e de alegria. Ele nos convida a “encontrar Deus em todas as coisas” (LS, 233). Quanto aos sacramentos, eles unem o céu e a terra, eles atualizam um “germe de transformação definitiva” trazido pelo Verbo encarnado (LS, 235) e nos coloca na perspectiva do cumprimento de toda a criação de Deus (LS, 236).

O próprio Papa resume essa argumentação trinitária nos últimos números do capítulo: “O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que o reflete, e por quem tudo foi criado, se uniu a essa terra quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, amando-o e suscitando nele novos caminhos” (LS, 238).

Em última análise, as relações trinitárias são o exemplo mesmo das relações que é necessário reconstituir entre nós e com a criação (LS, 240), e isso é possível porque toda criatura traz nela “uma estrutura propriamente trinitária” (LS, 239). O mistério de Deus, o mistério da criação e o mistério do homem encontram aqui um ponto de convergência.

## Considerações finais: um chamado a fé exigente e humilde

“Os gemidos da irmã terra se somam aos gemidos dos abandonados do mundo, num clamor exigindo de nós uma outra direção” (LS, 53). Tal é a mensagem central que o Papa quer nos fazer escutar para nos colocar em movimento, nos convidar a conversão. “Ao mesmo tempo alegre e dramática” (LS, 246), a Encíclica do Papa Francisco impressiona pela profundidade de suas análises, por sua alta visão e pelo vigor de seu apelo a uma mudança no modo de vida e na maneira de pensar. Mas é também no seu estilo simples, aberto às contribuições de todos os saberes e de todas as partes do mundo, para um discurso acessível além das fronteiras da Igreja, que se manifesta o desejo de diálogo que ele deseja instaurar para enfrentar todos os desafios da crise ecológica e social.

De maneira significativa, o Papa termina sua Encíclica com uma dupla oração: uma para todos os crentes em um Deus criador, outra para os cristãos. Essa necessária conversão de corações e atitudes em vista de uma ecologia integral não se fará pela força do punho, mas numa abordagem comum de diálogo e de escuta das fontes de todas as tradições espirituais à nossa disposição. Por seu conteúdo e por seu tom, essa abordagem ilustra com força qual contribuição essencial as religiões, e entre elas o cristianismo, podem trazer ao debate público mundial (LS, 63) que exige a salvaguarda e o cuidado de nossa casa comum.

## Referências bibliográficas

BERRY, R. J. (ed.), *Environmental Stewardship. Critical Perspectives - Past and Present*, New York: T&T Clark, 2006.

BOUR, D. G et ROCH, Ph. *Crise écologique, crise des valeurs*, Labor et Fides, Genève, 2010.

GUARDINI, R. *Das Ende der Neuzeit*, Hess Verlag, Basel, 1950, (Édition française *La fin des temps modernes*, Seuil, Paris, 1952).

GURIDI, R. sj, "Laudato Si: el deber cristiano hacia nuestra casa común", In: *Mensaje* n° 641, 2015, p.18-23.

THEOBALD, C., « L'enseignement social de l'Église selon le pape François », In : Bertrand Hériard Dubreuil (ed.), *La pensée sociale du pape François*, Ceras, Lessius, 2016, p. 12.

### *Documentos Pontifícios*

JEAN XXIII, *Pacem in terris*, Carta Encíclica, 1963.

PAULO VI, « Discurso a ocasião do 25º aniversário da FAO », In: AAS 62 (1970), p.830-838.

PAULO VI, *Populorum progressio*, 1968.

JOÃO PAULO II, «A paz com Deus criador, a paz com toda a criação », Mensagem para jornada mundial da paz em 1990.

BENTO XVI « Se tu queres construir a paz » Mensagem para a Jornada Mundial da paz 2010.

BENTO XVI, *Caritas in veritate* (2009).

FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Sí. Sobre salvaguardar a casa comum*. Libreria Editrice Vaticana, mai 2015.

### *Declarações*

CONFERÊNCIA DOS BISPOS DE FRANÇA, *Enjeux et défis écologiques pour l'avenir*, Bayard, Cerf, Mame, 2012.

COMISSÃO ECUMÊNICA EUROPEIA, *Paix et justice pour la création entière*, Cerf, Paris, 1989.

DECLARAÇÃO COMUM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II E DO PATRIARCA ECUMÊNICO DA SANTA SÉ BARTOLOMEU I, em 10 de junho de 2002. Disponível em: juin 2002:  
[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/speeches/2002/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20020610\\_venice-declaration.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/fr/speeches/2002/june/documents/hf_jp-ii_spe_20020610_venice-declaration.html)

Trabalho submetido em 16/03/2019.  
Aceito em 30/04/2019.

Alain Thomasset, SJ

Docteur en théologie de l'Université Catholique de Louvain. Il enseigne la théologie morale au Centre Sèvres (Facultés Jésuites de Paris) dont il est également directeur du premier cycle de théologie et de philosophie. E-mail: [alain.thomasset@jesuites.com](mailto:alain.thomasset@jesuites.com)